

1960

“Obrigado loucura, pela companhia.”

“Eu nunca escrevi acreditando que um dia eu serei uma autora conhecida. Que terei fãs e um dia farei uma dessas tardes de cafés e bate-papo sobre o livro em questão. Eu faço por mim. Quando escrevo eu me teletransporto para outro mundo, um mundo onde as coisas não são tão ruins, não são tão duras como a nossa realidade. Ultimamente só tenho pensando: Parabéns mundo, olha só o que fizemos com o nosso futuro. Eu escrevo pra me livrar um pouco desta maluquice toda e quer saber? Mesmo sem sucesso algum ou a procura dele, eu amo, mais do que qualquer coisa, escrever. E sempre escreverei por mais fraca que seja minha história.”

1960

Tom chegou a sua casa após o trabalho e como todo trabalhador cansado faz foi jogando suas coisas na sala, no corredor até chegar à cozinha completamente livre de todas as armaduras que usa em suas batalhas do dia a dia para ganhar um dinheiro no final do mês e manter suas contas pagas como qualquer ser humano normal.

- É realmente ótimo chegar em casa e ver que você esta tão bem assim.

- Oi Tom.

- Fumando e bebendo de novo Kimmy?

- Você sabe que não gosto que me chame assim. E eu terminei tudo hoje. Da um crédito.

- Certo...

- Cerveja?

- Sim, obrigado. Cara... Que dia.

- Quer falar sobre isso?

- Não. Você sabe. Sempre a mesma coisa. Um chefe que exagera na dose.

- E mesmo assim você morre de vontade de pega-lo.
- Muito engraçadinha.
- Ok. Podíamos ligar pra galera e ir para o bar.
- Qual é Kim.
- O que? Hoje é sexta-feira.
- Fala para eles comprarem bebidas e vir pra cá.
- E a sujeira depois?
- É verdade. Liga pra eles. Vou tomar banho.
- Certo.

Algumas ligações foram feitas e já estava tudo combinado. Quando Tom desceu já pronto, Kim pegou a chave do carro e logo partiram para o bar. Chegando lá todos já estavam em ritmo de festa.

Comportamento dos jovens é sempre o mesmo. Beber até cair. Principalmente para esquecerem os problemas. Tom tinha proibidamente uma queda por seu chefe e Kimmy tinha certo problema com mulheres bonitas que nenhum terapeuta soube explicar.

A festa se estendeu até a casa de Tom e Kimmy, não teve jeito. Pior ainda foi o fato de que se estendeu o final de semana inteiro.

Na segunda-feira, Billie estava almoçando sozinha com uma cara de quem estava indo para a forca. Larissa e Sabrina, amigas dela, que trabalhavam na mesma Empresa porem em outro departamento se juntaram a ela para almoçar.

- O que foi Billie? Sua chefe te deu folga só porque sabe que você é viciada em trabalho?

- Muito engraçado, Sabrina.

- Obrigada.

- Sério Bi. O que aconteceu? Você parece tão triste. Larissa falou com certo tom de seriedade.

- Quer mesmo saber?

- Sim. O que houve?

- Eu... Eu vou ser deportada.

- O que?

- Tem uma coisa que não contei para vocês. Para ninguém. Eu... Sou Canadense. E o meu pedido de visto foi recusado.

- O que? Jura? Você fala um português tão bom.

- Eu amo o Brasil. Como poderia não falar?

- Estou surpresa. Porque não nos contou isso antes?

- Sei lá. Achei tão sem importância.

- Estou sem palavras.

- Eu também. Sabrina voltou a falar.

- Não sei o que fazer. Já pensei em todas as possibilidades, qualquer coisa mesmo, que poderia me ajudar... Mas ao invés de lamentar eu tenho que agradecer. Principalmente a vocês duas. Por terem sido minhas melhores amigas.

- O que não foi fácil.

- Sabrina!

- O que? É verdade.

- Calada. Billie, eu sinto muito.

- É. Eu também.
- Eu já sei.
- Calada.
- Não, sério. Não é só você se casar com um Brasileiro?
- Quando foi a última vez que você me viu com alguém?
- Isso não significa nada. É só arrumarmos alguém.
- Sério Sabrina? Nós? Que homens nós conhecemos? O Tom? Cujo cara esta apaixonado pelo chefe?
- Porque não conhecemos tantos homens?
- Não seria porque somos um grupo de garotas gays?
- Alguém deve conhecer um cara hetero no nosso grupo.
- Sem chance. Sabe o que deveríamos fazer? Ir para o bar saindo daqui.
- É. É o que resta certo? Vejo vocês em uma hora?

- Fechado.

Uma hora depois e o plano não faliu. As três estavam caminhando rumo ao bar. Sentaram na ultima mesa e pediram a cerveja mais estupidamente gelada que tinha disponível. Na terceira garrafa, Billie soltou a bomba.

- O casamento gay foi legalizado aqui no Brasil, não foi?

- Sim. Faz pouco tempo. Finalmente. Larissa respondeu.

- Talvez seja isso.

- Isso o que?

- Vou me casar com uma mulher.

- O que?

Sabrina não se conteve e jorrou cerveja pela boca e pelo nariz. Desculpou-se rapidamente e começou a se limpar.

- Esta maluca? Sabrina perguntou.

- O que vocês querem que eu faça? Os homens hoje em dia não estão casando nem por amor imagina para fazer um favor.

- Billie, isso é loucura. Sabe disso não sabe?

- Eu sei Larissa. Mas acho mais fácil mulher topiar. Alias, fico alguns meses casada e depois me divorcio e volto a vida normal.

- Isso é loucura até para nós Billie.

- Eu sei disso Sabrina. Mas eu estou desesperada. Eu não quero sair do Brasil. Eu amo esse País.

- Vamos pensar em algo ok? Alias como foram descobrir...?

- Eu saí do País.

- O que? Não. Atrás do Maicon novamente?

- Eu achei que ele me amava.

- E não ama?

- Não. E olha o que me custou.

- Pois é. Olha só. Mas beleza. Calma. Pensaremos e algo.

- Desculpem, é o meu. Alô? Estamos no Real... Ok. Até já. Beijos.

- A conversa mais rápida da historia.